

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v11i1.44753>

Metafísica da liberdade e melancolização como forma de gestão da subjetividade no neoliberalismo

Metaphysics of freedom and melancholy as a way of managing subjectivity in the COVID-19 pandemic

Metafísica de la libertad y melancolía como forma de gestionar la subjetividad en la pandemia del COVID-19

Claudia Henschel de Lima

Universidade Federal Fluminense

Antonio José Alves Junior

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Flávia Laís Machado Moura

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Brunna Dias Mathias

Universidade Federal Fluminense

Resumo O artigo apresenta os resultados da pesquisa sobre os processos psíquicos mobilizados na conformação da racionalidade neoliberal, tendo como referenciais teóricos, tanto as contribuições recentes do campo da filosofia política, que reconhecem uma racionalidade típica ao neoliberalismo, como a reflexão conduzida pela psicanálise, em torno do processo de identificação e de sua relevância para o entendimento da sujeição social. Com base nessas referências, o artigo coloca a seguinte pergunta: Por que as reformas neoliberais antipopulares? Por que aderimos à ruína, ao desastre? A fim de construir uma resposta possível, o artigo avança no sentido de localizar, na racionalidade neoliberal, uma metafísica da liberdade e o afeto da melancolização.

Palavras-chave: neoliberalismo, racionalidade neoliberal, melancolização.



Abstract The article presents the results of the research on the psychic processes mobilized in the conformation of neoliberal rationality, having as theoretical references, both the recent contributions from the field of political philosophy, which recognize a typical rationality to neoliberalism, as well as the reflection conducted by psychoanalysis, around of the identification process and its relevance to the understanding of social subjection. Based on these references, the article poses the following question: Why anti-popular neoliberal reforms? Why do we join the ruin, the disaster? To build a possible answer, the article advances towards locating, in neoliberal rationality, a metaphysics of freedom and the affect of melancholy.

Keywords: neoliberalism, neoliberal rationality, melancholy.

Resumen El artículo presenta los resultados de la investigación sobre los procesos psíquicos movilizados en la conformación de la racionalidad neoliberal, teniendo como referentes teóricos, tanto los aportes recientes desde el campo de la filosofía política, que reconocen una racionalidad propia al neoliberalismo, como la reflexión realizada por el psicoanálisis, en torno al proceso de identificación y su relevancia para la comprensión de la sujeción social. A partir de estas referencias, el artículo plantea la siguiente pregunta: ¿Por qué reformas neoliberales antipopulares? ¿Por qué nos unimos a la ruina, al desastre? Para construir una posible respuesta, el artículo avanza en ubicar, en la racionalidad neoliberal, una metafísica de la libertad y el afecto de la melancolía.

Palabras clave: neoliberalismo, racionalidad neoliberal, melancolía.

Recebido em 10-08-2023

Modificado em 24-01-2024

Aceito para publicação em 10-02-2024

Introdução

O artigo apresenta os resultados da pesquisa conduzida no Laboratório de Psicopatologia Fundamental em Estudos de Subjetividade e Emergência Humanitária (Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFRJ) em parceria com o Mestrado Profissional em Administração Pública da Universidade Federal Fluminense (PROFIAP/UFF) e com o Grupo de Pesquisa Economia e Conjuntura do Sistema Financeiro (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), e que se dedica à investigação da racionalidade neoliberal e dos processos psíquicos em jogo em sua conformação. Desde o ano de 2020, com a irrupção da emergência humanitária da COVID-19, a pesquisa interroga os impactos psíquicos da gestão neoliberal, a partir de dois eixos:

1. A relação entre neoliberalismo em emergências humanitárias por meio de crises e choques.
2. Os processos psíquicos e afetivos mobilizados por tal modelo de gestão.

A partir de então, o Laboratório possui seis pesquisas de mestrado em andamento, das quais destacam-se duas, que estão diretamente dedicadas à investigação dos efeitos sintomáticos da racionalidade neoliberal: a pesquisa de Dias Mathias, intitulada *Da Conformação da Racionalidade Neoliberal*, e das formas de sofrimento que lhe são subjacentes, à possibilidade de seu ultrapassamento (PROFIAP/UFF, 2023); e a pesquisa de Machado Moura, *Neoliberalismo e seus Atravessamentos Psíquicos: uma relação entre desempenho, depressão e melancolização* (PPGP/UFRJ, 2023).

Através das referências transdisciplinares do campo da filosofia política e da psicanálise, o laboratório toma como bússola a posição de Lacan (1953/1998), de defesa do engajamento do psicanalista à subjetividade de época, a pesquisa se dedica à investigação da subjetividade política contemporânea a partir, especificamente, da manifestação do pathos neoliberal.

O conjunto de eixos, acima mencionados, encontra sua consistência no estudo de Naomi Klein (2008) sobre a correlação entre emergências humanitárias e reformas estruturais que levam à redução do Estado de bem-estar social e à expansão do mercado. Essa correlação foi destacada por Klein (2008), a partir das referências encontradas em textos e entrevista dadas por Milton Friedman a respeito da importância de crises na consolidação de reformas estruturais no funcionamento do Estado do capitalismo. Com efeito, no prefácio de seu livro *Capitalismo e Liberdade*, Milton Friedman (2019) afirmou:

Apenas uma crise real ou percebida – produz mudanças verdadeiras. Quando a crise ocorre, as ações dependem das ideias predominantes. Acredito que essa seja nossa função básica: desenvolver alternativas para as políticas públicas vigentes, mantê-las vivas e disponíveis, até que o politicamente impossível se torne politicamente inevitável (Friedman, 2019:15).

A centralidade da crise como alavanca para um conjunto de reformas estruturais aparece com clareza em sua avaliação sobre a emergência ambiental provocada pelo furacão Katrina, na cidade de New Orleans, em 2005. Para Friedman (2005), o Katrina era mais do que uma emergência ambiental catastrófica; era a oportunidade para – a partir da catástrofe – estabelecer uma reforma estrutural do sistema educacional radical. Em entrevista ao *The Wall Street Journal*, ele avalia que:

A maioria das escolas de Nova Orleans está em ruínas, assim como as casas das crianças que as frequentaram. As crianças agora estão espalhadas por todo o país. Isso é uma tragédia. É também uma oportunidade de reformar radicalmente o sistema educacional [...]. As escolas de New Orleans estavam falhando pelo mesmo motivo que as escolas estão falhando em outras grandes cidades, porque as escolas são de propriedade e operadas pelo governo. O governo decide o que deve ser produzido e quem deve consumir seus produtos, geralmente designando os alunos para escolas perto de sua residência. O único recurso dos pais insatisfeitos é mudar de residência ou desistir do subsídio do governo e pagar a escola dos filhos duas vezes, uma vez em impostos e outra em mensalidades (Friedman, 2005:s/p. Tradução dos autores do artigo).

A leitura acerca da forma como um dos expoentes do neoliberalismo compreende a relação entre catástrofes e avanço do capitalismo, bem como o estudo crítico conduzido por Klein (2008), que resultaram na formulação do neoliberalismo como a forma contemporânea assumida pelo capitalismo que se nutre dos desastres, estão na base da pergunta que os autores do presente artigo colocam: como é possível que uma população apoie uma plataforma política neoliberal, que avança ao preço do desastre? Para desenvolver uma direção de resposta a essa pergunta, sustentamos que o neoliberalismo conforma uma racionalidade, cujo pathos é a melancolização.

Um capitalismo de catástrofe, que exige uma racionalidade que a ele se conforme, já habitava a música de Caetano Veloso, *Fora da Ordem*, de 1991: “Aqui tudo parece que era ainda construção. E já é ruína. Tudo é menino, menina, no olho da rua. O asfalto, a ponte, o viaduto, ganindo prá lua. Nada continua. Alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial”.

Toda a letra parece uma grande ironia, por uma suspensão brusca do entusiasmo pelo tempo porvir. No processo de consolidação do neoliberalismo, no Brasil, situações de crise foram implementadas como oportunidade conjuntural para reformas estruturais no tecido político, social e econômico: confisco da poupança em 1991 e início do programa de privatizações de empresas estatais; operação lava-jato em 2014, deflagração do sentimento de que o Estado é corrupto e solução policial-judiciária com a prática do lawfare; golpe parlamentar de 2016 e Lei do Teto de Gastos como ponte para o futuro; ameaças institucionais ao Supremo Tribunal Federal, ao sistema de votação e à democracia a partir de 2019, e reforma da previdência, reforma trabalhista e programa de privatização. Nesse período, entre crises e reformas, uma interrogação insiste: por que aderimos à ruína, ao desastre? Por que nos conformamos à ordem neoliberal?

A hipótese de que o neoliberalismo exige uma racionalidade aderente à lógica de mercado e ao desmantelamento do Estado de bem-estar social, vem sendo amplamente investigada por autores do campo da filosofia política, como Dardot e Laval (2016) e Brown

(2019), a partir do curso de Michel Foucault, *Nascimento da Biopolítica* ([1978-1979]2008).

O presente artigo parte das contribuições desses autores, bem como dos avanços das pesquisas de Dias Mathias (2023) e Machado Moura (2023), para localizar uma metafísica da liberdade no fundamento da racionalidade neoliberal. Dessa forma, à essa racionalidade, vinculamos a presença da crença. Trata-se da crença de que a razão neoliberal é livre e responsável por seu mérito na conquista de direitos, e por sua incapacidade naquilo que perde, em uma alienação profunda à crença narcísica no poder, na força, do indivíduo contra as adversidades da vida. O reconhecimento desta crença – que denominamos ao longo do artigo, como metafísica da liberdade - no fundamento da racionalidade neoliberal, veicula, ainda, um outro aspecto muito importante, uma tessitura de poder muito mais enraizada e violenta, porque incide sobre a regulação dos afetos: a melancolização é o afeto da racionalidade neoliberal que acredita que é livre da intervenção do Estado. A crença nesta liberdade é a crença de que o ser humano pode, efetivamente, prescindir dos significantes que o constituem. A consequência não poderia ser outra: a melancolização – esse afeto, esse pathos que se alimenta, cruelmente, da ruína, da destruição. Essa é a nossa hipótese.

Fobia de Estado e conformação da racionalidade neoliberal

Em *Nascimento da Biopolítica* ([1978-1979]2008), Michel Foucault identifica na fobia de estado, o *pathos*, o afeto, que habita a subjetividade no marco do pós-II Guerra: como fundamento do capitalismo, o mercado deve servir de dique de contenção do Estado nazista, totalitário. Essa funcionalidade do mercado, a partir do *pathos* da fobia, é uma marca afetiva da subjetividade pós-guerra. E, para demonstrar isso, Foucault ([1978-1979]2008) reproduz a consideração do crítico americano de arte, Bernard Berenson, acerca dos temores que atravessavam o mundo, assolado pelos horrores do nazismo: “Deus sabe quanto eu temo a destruição do mundo pela bomba atômica [...], mas há pelo menos uma coisa que temo tanto quanto esta, que é a invasão da humanidade pelo Estado” (Foucault, [1978-1979]2008:103).

A força desta declaração reside, precisamente, na comparação entre o medo da bomba atômica e o medo do Estado nazista. É uma comparação forte, que situa a fobia como o afeto central indicativo de uma crise de governamentalidade aberta pelo nazismo.

É na conjuntura desse *pathos*, que Foucault ([1978-1979]2008) situará a realização do Colóquio Walter Lippman, em 1938 e a formação da Sociedade Mont Pèlerin, em 1947 – ambos, em torno da defesa do liberalismo e de seu princípio de crítica ao excesso do Estado: “[...] o liberalismo se apresentou, num contexto bem definido, como uma crítica da irracionalidade própria do excesso de governo e como um retorno a uma tecnologia de governo frugal [...]” (Foucault, [1978-1979]2008:437). A partir deste marco, o autor desenvolve três contribuições fundamentais para o esclarecimento da constituição histórica do neoliberalismo:

1. A distinção de dois tempos do neoliberalismo: o Ordoliberalismo alemão (1848-1962) e a Escola de Chicago (década de 1970).
2. A identificação da natureza política do neoliberalismo e a relação de antagonismo com o modelo do Estado de bem-estar social, defendido por John Maynard Keynes.
3. A identificação do neoliberalismo como uma “arte de governar” específica e em ruptura com o liberalismo clássico e seus principais marcos conceituais (Adam Smith, John Locke e David Ricardo).

Foucault ([1978-1979]2008) particulariza, então, o neoliberalismo não somente como um sistema econômico fundamentado nos princípios da economia de mercado em ruptura com o estado de bem-estar social; mas como uma arte de governar, um programa de regulação do exercício global do poder político com base nesses princípios. Essa dimensão da arte de governar fundamentará o que, aqui, denominamos como racionalidade neoliberal.

A gênese da racionalidade neoliberal é amplamente investigada no campo da filosofia política por autores como Pierre Dardot, Christian Laval (2016) e Wendy Brown (2019). Eles partem da centralidade da referência de Foucault; mas avançam no sentido de mostrar como a lógica de mercado exige a conformação de uma racionalidade.

Em *A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a Sociedade Neoliberal*, em que Dardot e Laval (2016) mostram como a ascensão do neoliberalismo, a partir da crise de governamentalidade que se abriu globalmente no final da II Guerra, teve o funcionamento do Estado como seu principal alvo de crítica em nome de uma solução pela lógica de mercado. Os autores aprofundam a análise do neoliberalismo conduzida por Foucault ([1978-1979]2008), apontando para o fato de que a consolidação desta lógica é mais do que uma mudança de sistema econômico ou o destino assumido pelo capitalismo. Ela é uma modificação da alma (conforme afirmara Margareth Thatcher¹), uma racionalidade que assume essa lógica de mercado. Seus traços psíquicos são: a reificação da unidade do eu, livre das amarras regulatórias do Estado, e a generalização da concorrência: “Especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo: a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim sobreviver na competição” (Dardot & Laval, 2016:330-331).

Ao constituir-se segundo o modelo do mercado, da empresa, a racionalidade neoliberal se divorcia da dimensão mais estrutural do Estado como garantidor de políticas

¹ A expressão é uma referência direta à entrevista, dada por Margareth Thatcher, a Ronald Butt do *Sunday Times*, em 1981. Na época, ela era a primeira da ministra do Reino Unido, e sua entrevista revela que o neoliberalismo não é apenas um modo de regulação dos sistemas de trocas econômicas baseado na maximização da concorrência e no livre mercado. Ele é um regime de gestão social e produção de racionalidade: “O que me irritou sobre toda a direção da política nos últimos 30 anos é que sempre foi para a sociedade coletivista. As pessoas se esqueceram da sociedade pessoal. E eles dizem: eu conto, eu importo? Para o qual a resposta curta é sim. E, portanto, não é que eu me debruce sobre políticas econômicas; é que eu realmente decidi mudar a abordagem, e mudar a economia é o meio de mudar essa abordagem. Se você mudar a abordagem, você realmente está atrás do coração e da alma da nação. A economia é o método; o objetivo é mudar o coração e a alma” (Thatcher, 1981. Tradução dos autores do artigo). Disponível em: <https://www.margareththatcher.org/document/104475>.

de bem-estar social e avança na direção da crença no eu livre, autônomo e responsável por si mesmo.

Esse ponto é, também, amplamente abordado por Wendy Brown, em *Nas Ruínas do Neoliberalismo. A ascensão da política antidemocrática no Ocidente* (2019) que investiga os impactos da dissolução neoliberal do Estado de bem-estar social e da ascensão da empreendedorização, avançando no sentido de mostrar como a formação deste eu autônomo e livre da regulação pelo Estado, é inseparável da ascensão dos valores da família tradicional e da religião. Esses valores da família, assumem, para a autora, a lógica da empresa desmantelando o laço social em nome do capital humano e da família patriarcal, com a responsabilização dos indivíduos masculinos pela provisão dos cuidados aos dependentes: “[...] enquanto os investimentos sociais na educação, habitação, saúde, cuidado infantil e seguridade social são reduzidos, delega-se novamente à família a tarefa de prover todos os tipos e dependentes – jovens, velhos, enfermos, desempregados, estudantes endividados ou adultos deprimidos ou viciados. (Brown, 2019:51). É, então, sobre a família, que recairá a responsabilização dos diversos setores do Estado de bem-estar social que sofrem reformas estruturais – é o caso da saúde, da educação e da seguridade social.

Tais avaliações críticas permitem destacar a fórmula da racionalidade neoliberal: ruína do estado de bem-estar social, ascensão do sujeito empreendedor de si e de seu núcleo familiar patriarcal como extensão da empresa. A título de ilustração desta fórmula, resgatamos a declaração do Presidente Bolsonaro, de 8 de abril de 2020 - menos de 1 mês após a declaração da OMS de que a COVID-19 era uma emergência humanitária global: “Cada família que cuide de seus idosos”. Era o anúncio de que o governo brasileiro pouco faria para garantir uma política de prevenção e de atendimento e tratamento da população contaminada pelo Sars-Cov-2.

Wendy Brown (2019) avança ainda mais, e mostra como o neoliberalismo produz a falsa liberdade com base neste desmantelamento do laço social. Com relação a esse ponto, discordamos parcialmente da autora. Não se trata tanto de uma falsa liberdade; mas de uma metafísica da liberdade, definida por Henschel de Lima, Alves Junior, Machado Moura, Faustino Cruz e Oliveira Costa (2022), em dois sentidos:

1. No sentido de uma defesa da liberdade como integrante da natureza humana que produz o sentimento de que é preciso retirar o peso do Estado de seus ombros.
2. No sentido de uma metafísica que esconde o avanço da lógica de mercado e a retirada de garantias fundamentais já mencionadas aqui: educação, habitação, saúde, cuidado infantil e seguridade social.

No quadro desta metafísica, a reivindicação por condições de equidade e inclusão social é uma distorção da lógica de mercado e um retrocesso da liberdade na direção das formas de alienação do indivíduo. Essa metafísica da liberdade individual constrói uma aura que dissocia o indivíduo do enquadre social que o constitui. Essa dissociação paradoxalmente se reflete nos dados obtidos pela equipe de transição e que compuseram o *Relatório Final do Gabinete de Transição Governamental* (2022):

O resultado é uma fotografia contundente da situação dos órgãos e entidades que compõem a Administração Pública Federal. Ela mostra a herança socialmente perversa e politicamente antidemocrática deixada pelo governo Bolsonaro, principalmente para os mais pobres. A desconstrução institucional, o desmonte do Estado e a desorganização das políticas públicas são fenômenos profundos e generalizados, com impactos em áreas essenciais para a vida das pessoas e os rumos do País. Isso tem tido consequências graves para a saúde, a educação, a preservação ambiental, a geração de emprego e renda, e o combate à pobreza e à fome, entre outras. O governo Bolsonaro chega ao fim do mandato em meio a uma ameaça real de colapso dos serviços públicos. Os livros didáticos que deverão ser usados no ano letivo de 2023 ainda não começaram a ser editados; faltam remédios no Farmácia Popular; não há estoques de vacinas para o enfrentamento das novas variantes da COVID-19; faltam recursos para a compra de merenda escolar; as universidades corriam o risco de não concluir o ano letivo; não existem recursos para a Defesa Civil e a prevenção de acidentes e desastres. Quem está pagando a conta deste apagão é o povo brasileiro (Moretti *et al.*, 2022:6-7).

O texto do Relatório acima é claro. Um amplo desmonte do Estado de bem-estar social, associado à elevação do indivíduo pela metafísica da liberdade, e por um apelo à moralidade, teve seu curso acelerado no Brasil. E esse desmonte expressa um processo mais estrutural do que apenas considerar que o Brasil passara por um período de desgoverno. De fato, ao dissociar-se dos poderes estruturais de dominação ao longo da história - colonização, escravidão e patriarcado – o reduzindo a falácias ou *mimimi*, a racionalidade neoliberal aponta para uma violenta apresentação capitalista, que incide na regulação dos afetos e na forma como é valorizado o indivíduo em detrimento de sua estreita relação com a política - aí incluindo as políticas de bem-estar social.

Metafísica da liberdade no fundamento da racionalidade neoliberal

O estudo recente de Machado Moura (2023) apresenta uma amostra significativa de declarações feitas pelo, então, Presidente da República entre 01 de janeiro de 2019 e o dia 18 de junho pseuvalorização da esfera individual e o campo de decisões econômicas e políticas e, de outro, o desmantelamento do Estado de Bem-estar Social. A tabela 1 apresenta essa amostra.

Tabela 1. Metafísica da liberdade e desmantelamento do laço social (2019-2022)

Declarações	Fonte
<p>Prometo manter, defender e cumprir a constituição, observar as leis e promover o bem geral do povo brasileiro, sustentar a união, a integridade e a independência do Brasil. [...] o povo se começou a libertar do socialismo, a libertar-se da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto.</p> <p>[...] Esta é a nossa bandeira, jamais será vermelha, e daremos o nosso sangue para mantê-la verde e amarela.</p> <p>[...] Aproveito este momento solene e convoco, cada um dos Congressistas, para me ajudarem na missão de restaurar e de reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica.</p> <p>[...] Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um país livre de amarras ideológicas.</p>	<p>Discurso de posse como Presidente do Brasil – 01/01/2019</p>
<p>Nós temos um bem muito maior até do que a própria vida, se me permite falar isso, que é a nossa liberdade.</p>	<p>Discurso de Bolsonaro em reunião o presidente do STF, Dias Toffoli – 07/05/2020</p>
<p>Quando o estado avança sobre interesses e liberdades individuais, dificilmente ele recua. Não deixe que o pânico nos domine. Nossa liberdade não tem preço, ela vale mais que a nossa própria vida [...] Conquistar objetivos depende de força de vontade, fé e determinação”, discursou. “Vocês integram uma grande família chamada Forças Armadas, que é indispensável para o progresso, para a liberdade e para a democracia no País.</p>	<p>Discurso de Bolsonaro na formatura e entrega de espadas a guardas-marinha da turma de 2020 da Escola Naval, no Rio – 12/12/2020</p>
<p>Queremos a liberdade de cultos, queremos a liberdade para poder trabalhar, queremos o nosso direito de ir e vir. Ninguém pode contestar isso.</p>	<p>Discurso de Bolsonaro em Cerimônia Oficial no Palácio do Planalto – 05/05/2021</p>
<p>(..) Nós todos aqui, e não apenas eu, temos problemas internos no Brasil. Onde hoje não mais os ladrões de dinheiro do passado, surgiu uma nova classe de ladrão que são aqueles que querem roubar a nossa liberdade. Eu peço que vocês cada vez mais se interessem por este assunto, se precisar iremos à guerra, mas eu quero um povo ao meu lado, consciente do que está fazendo, e de quê, por quem está lutando.</p> <p>[...] Todas as ditaduras começaram com uma campanha de desarmamento do seu povo, assim foi no Chile, começou essa semana uma campanha de desarmamento lá bem ao norte, no Canadá, e vocês sabem que a arma de fogo é uma garantia para a sobrevivência das suas famílias, e uma questão de segurança nacional. “Povo armado jamais será escravizado”.</p> <p>[...] A nossa liberdade não tem preço e parece que alguns não querem entender, a liberdade é mais importante que a própria vida, porque um homem ou uma mulher sem liberdade, não tem vida”.</p>	<p>Discurso de Bolsonaro em Ato alusivo à entrega de trecho da Estrada Boiadeira (BR-487) – 03/06/2022</p>
<p>O mundo vive problemas sérios, na questão econômica com pós-pandemia e uma guerra, reflexo para todos nós. Mas, entendo que tem algo mais importante do que isso, que o primeiro momento a gente vive, o segundo é mais complexo.</p> <p>Entendo, em muitos países está havendo uma luta do bem contra o mal. Nós temos algo muito importante para defender: temos princípios, temos uma tradição e temos uma liberdade.</p> <p>Nós somos contra o aborto, contra a ideologia de gênero, contra a legalização das drogas; defendemos a família, a propriedade privada, a liberdade do armamento. Somos pessoas normais. Podemos até viver sem oxigênio, mas jamais sem liberdade.</p>	<p>Discurso de Bolsonaro no encontro com a comunidade brasileira em Orlando (EUA) – 11/06/2022</p>

A mensagem para vocês: a liberdade é uma coisa que você mantém dia após dia, não é de 4 em 4 anos. Ele falou em patrimônio aqui, já que ele deu a dica, é um patrimônio. Mas hoje em dia, qual é o nosso maior patrimônio? Eu pergunto, é a lancha? É a casa? É um carro? O maior patrimônio nosso, são os nossos filhos. O que você quer para o seu filho? Que nasceu homem. Eu quero que ele seja um motorista de ônibus, eu quero que ele seja um militar, um policial, um pastor, eu quero que ele seja um bom patrão, um pescador. O que a esquerda vem fazendo com nossas crianças? Com a dita ideologia de gênero? O que as nossas escolas, ao longo das últimas décadas, vêm ensinando? Você pega a prova do PISA, que é uma prova Internacional de Aprendizagem Escolar, entre 70 países, no frigar dos ovos, nós somos os últimos. É aquela história de Paulo Freire, o que que interessa é para a esquerda? É um povo esclarecido que pensa, ou povo manipulado, escravizado? que serve apenas para votar, e fazer outra coisa que eu não vou falar aqui. Para onde estava indo nossa Pátria? Se tivesse mais 2 anos de Dilma, teríamos retorno? Não

[...] Eu não quero ser escravizado. Eu não quero ver a minha família que é o meu patrimônio, que, assim como a família de vocês, é o patrimônio de vocês, tenham sua liberdade castrada. Que seja escravizada, que transforme em vegetais aqui nesse rico país maravilhoso

[...] Por que criminalizar aquela liberdade que o médico tinha, numa situação que o paciente está com uma doença que não sabe o que é, ele pode chegar para o paciente ou para a família e dizer: Olha, eu não sei o que esse cabra tem, mas eu vou arriscar, ele vai tomar esse trem aqui. Quer ou não quer?

Os remédios, uma parte considerável, são descobertos por acaso. Na guerra do pacífico, a gente estuda história militar, chegou um ponto que chegava o soldado ferido e precisava entrar na fusão e não tinha doador. Aí resolveram, vamos tocar a água de coco no braço da galera, e deu certo. Se fosse esperar comprovação científica, os feridos teriam morrido. Onde é que a gente estudou tudo isso? Conversei para lá para cá, telefonei para embaixadores, etc. Por que que na África subsariana não morre quase ninguém por conta do Covid? Porque para malária, tomam a hidroxicloroquina; para a cegueira dos rios, eles tomam ivermectina e por coincidência, os caras não sabiam pegar o Covid-19 e ele vai embora rapidamente. Por que não usar no Brasil? O que estava em jogo?

Discurso de Bolsonaro na
cerimônia de unção apostólica
- 18/06/2022

Fonte: Machado Moura (2023).

A leitura dessas declarações à luz do dismantelamento das políticas de bem-estar social, tal como é retratado no *Relatório Final do Gabinete de Transição Governamental* (2022) e já mencionado anteriormente no presente artigo, indica que o próprio neoliberalismo se modificou desde o pós-II Guerra - do estado como peso para o indivíduo, para o próprio indivíduo como peso para o neoliberalismo. O colapso de políticas de bem-estar social e a inversão em que o indivíduo se converte em peso para o neoliberalismo, colocam para nós o problema dos processos psíquicos em jogo na adesão à racionalidade neoliberal.

Melancolização e sujeição social

Tenho à minha frente apenas a trincheira, a borra dos dias, a área dos combatentes, a arena dos loucos, o sulco dos campos arados com tirsos de canhão, os fascínoras, os deslocados, os delinquentes, os genialoides, os ociosos, os playboys pequeno-burgueses, os esquizofrênicos, os negligenciados, os desaparecidos, os erráticos, os notívagos, os ex-presidiários, os reincidentes, [...] os fanáticos incapazes de ver com clareza as próprias ideias, os sobreviventes que, acreditando serem heróis consagrados à morte, confundem uma sífilis mal curada com um sinal do destino (Antonio Scurati. *M. O Filho do Século*).

O livro de Antonio Scurati (2019) sintetiza a paisagem turbulenta que sucedeu imediatamente a emergência da I Guerra Mundial. Nessa paisagem, habita a diversidade de seres descritos por Scurati, com base no levantamento dos atores diretamente envolvidos na ascensão do fascismo e, principalmente, da figura do *Duce*. Essa diversidade, singularizada por Scurati, se une como massa em torno da *Sua Excelência Benito Mussolini, Chefe de Governo, Duce do Fascismo e Fundador do Império*.

A observação deste acontecimento histórico colocou o problema contemporâneo da sujeição e da emancipação à luz do que compreendemos, em psicanálise, como sendo a constituição do sujeito por meio do processo de identificação. Essa referência é fundamental na análise de que o poder, no neoliberalismo, se exerce por meio da internalização de um conjunto de normas e leis em relação a qual o sujeito se constitui e adere como se fossem expressão de sua própria vontade. Localizamos nos conceitos freudianos de melancolia e de identificação as chaves interpretativas essenciais para explicar como relações de sujeição se constituem no tecido social e que afetos mobilizam. Esses conceitos estão em duas referências freudianas fundamentais redigidas nos anos que antecederam o fascismo, na Itália, e, posteriormente, o nazismo, na Alemanha: *Luto e Melancolia* ([1917]2020) e *Psicologia das Massas e Análise do Eu* ([1921]2020). O que articula ambas as referências é o fato de que Freud distingue duas posições subjetivas diante da perda do objeto amado: o luto com a aceitação dolorosa da perda; a melancolia, caracterizada pela presença da sombra do objeto perdido sobre o sujeito. É a identificação do sujeito ao objeto perdido, na melancolia, que Freud ([1921]2020) situa como o efeito central do processo de sujeição.

O texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* ([1921]2020) é outra referência central para entender o processo de constituição do sujeito. Nele, fica consolidado o reconhecimento de que o mesmo processo de identificação que constitui o sujeito, constitui também o laço social afetivo com autoridades e líderes. Por isso, o autor se dedica à formação do sujeito a partir do conceito de identificação em dois sentidos: 1. à luz da alienação às condições materiais da vida social; 2. e por sua íntima articulação à reificação da autoridade.

Essa reificação, por sua vez, mobiliza uma gradação de sentimentos que vai do enamoramento à sujeição, em que o sujeito desaparece em nome da figura hegemônica de autoridade: humilde sujeição, alienação, despersonalização, solapamento da iniciativa própria, docilidade, ausência de crítica, desamparo e agressividade direcionada ao que não se conforma a essa modalidade de identificação pela sujeição. A formulação de Freud é, então, precisa e intuitiva de uma hipótese a respeito da ascensão do fascismo na Europa: ao mesmo tempo em que a sujeição à autoridade se alimenta do desamparo, ela produz, no sujeito, a alienação com a ilusão de que a autoridade é a solução.

Em *Luto e Melancolia* ([1917]2020), no quadro da reflexão sobre o destino do afeto na perda do objeto amado, o impacto da I Guerra já indicava a forma como o ser humano se relaciona afetivamente com a realidade simbólica. Freud ([1917]2020) destaca que o sujeito melancolizado padece de um rebaixamento da autoestima, recriminando a si mesmo por suas escolhas e ideologias enganosas; de um grandioso empobrecimento e resignação; e da ausência de julgamento de que uma mudança lhe aconteceu. Essa reversão afetiva na melancolia, revela uma conformação subjetiva de maior radicalidade, evidenciando a sujeição ao objeto amoroso. Dessa forma, Freud ([1917]2020) localiza, na melancolia, um estado de ânimo específico decorrente da retração do investimento afetivo sobre o sujeito, por meio da fórmula: a sombra do objeto recai sobre o eu. De fato, essa expressão evidencia o processo de identificação do sujeito melancolizado ao objeto perdido, morto, resultando neste empobrecimento, na paralisia e inação subjetiva. Esse processo de sujeição radical ao objeto amoroso perdido, se esclarecerá em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* ([1921]2020), a partir do conceito de identificação.

Identificação imaginária e formação da massa

Quanto menos idéias objetivas, como a de salvação religiosa, jogam um papel na formação das massas, e mais o único fim presente se torna sua manipulação, mais inteiramente o amor espontâneo tem de ser reprimido e convertido em obediência (Theodor Adorno. *A teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda*).

O capítulo 7 de *Psicologia das Massas e Análise do Eu* ([1921]2020) será dedicado à lógico processo de identificação e sua centralidade na formação da massa, tomando como referência central o fato de que a identificação é a expressão primitiva, primária, da ligação afetiva com outra pessoa. Posicionando o conceito de identificação no cerne da lógica de formação da massa, Freud ([1921]2020) explicita o processo que articula a formação do sujeito ao processo de alienação e sujeição social, topicamente encontrados na massa, desde o enamoramento até o próprio desaparecimento da subjetividade (indicativo do que caracterizamos do estado de ânimo melancolizado). Além disso, reconhece na posição assumida pelos sujeitos, na massa, a presença de uma marca diferencial (um traço, uma insígnia) ou um objeto distintivo (o próprio líder). Essa formulação indica o caminho de uma intuição que, muito pouco tempo depois, se converteria em hipótese a respeito da

ascensão do fascismo na Europa: ao mesmo tempo em que a sujeição à autoridade se alimenta do desamparo, ela produz, no sujeito, a alienação com a ilusão de que a autoridade ou a presença do líder, é a solução.

Freud ([1921]2020), então, distinguirá três formas de identificação na base da constituição da subjetividade e da constituição da relação social: a ligação afetiva originária com outra pessoa, que servirá de base para o investimento em outros objetos; a regressão do investimento afetivo no objeto para a ligação afetiva originária (identificação regressiva); identificação entre diferentes subjetividades a partir do reconhecimento de um traço subjetivo comum (identificação por imitação). Ele avança em seu raciocínio ao longo do capítulo 8, onde retoma as formulações sobre a formação do líder na base da formação da relação social e a distribuição afetiva entre sujeito e objeto. Assim, por meio de uma terminologia, simultaneamente, psicanalítica e política, o autor localiza, na formação do líder, a passagem sutil do enamoramento à sujeição - em que a subjetividade jaz sob a sombra do próprio líder:

O objeto consumiu o *Eu* [...]. Traços de humildade, de restrição do narcisismo, de causação de danos a si mesmo estão presentes em qualquer caso de enamoramento; em casos extremos, eles são simplesmente intensificados, e com o recuo das reivindicações sensuais, eles ficam sozinhos a dominar. [...] Silencia-se a crítica exercida por essa instância; tudo o que o objeto faz e exige é correto e inatacável. [...] na cegueira amorosa nos tornamos criminosos sem remorso. A situação inteira se deixa *resumir, sem resíduos, em uma fórmula: O objeto colocou-se no lugar do Ideal do Eu.* (Freud [1921]2020:188. Grifos do autor).

Com esses termos, Freud ([1921]2020) formaliza as características estruturais do processo que está na base da formação da massa em torno do líder: no enamoramento/sujeição, o objeto foi totalmente conservado (equivalendo ao pai da horda primitiva, severo, rígido e autoritário) e, como tal, é sobre investido à custa do sujeito, recaindo sobre ele como uma verdadeira sombra. A lógica do enamoramento/sujeição é caracterizada como hipnose, pois a posição do sujeito é a mesma: humilde sujeição, solapamento da iniciativa própria, docilidade e ausência de crítica ante o líder - exatamente como diante do objeto amado. Ele é o único objeto, nenhum outro recebe atenção além dele.

Essas características estruturais também formalizam, de forma antecipada, como, politicamente, o fascismo mobiliza afetos a ponto de se erguer como solução catastrófica, pela sujeição, para a diversidade de indivíduos que habitavam as ruas da Europa no final da I Guerra. Sua lógica se esclarece em quatro pontos:

1. Pluralização dos *eus*.
2. Identificação de cada *Eu*, na massa, a outros *eus*, formando uma relação de semelhantes e o sentimento de que somos todos iguais.
3. Enamoramento e sujeição ao líder autoritário constituindo, em torno dele, a imagem unitária do povo.
4. Segregação agressiva de tudo o que se opõe a essa imagem unitária.

O conceito freudiano de identificação revela, assim, como o poder não se reduz a uma atuação repressiva do aparelho de Estado. O poder exige processos psíquicos, mobiliza afetos e, neste caso, até o ponto da sujeição, até o ponto de o objeto recair como sombra sobre a subjetividade, exatamente conforme descrevera Freud ([1917]2020) a respeito da melancolia, em que o sujeito acaba por desaparecer completamente, em nome da figura hegemônica de autoridade: humilde sujeição, alienação, despersonalização, solapamento da iniciativa própria, docilidade, ausência de crítica, desamparo e agressividade direcionada ao que não se assente a essa forma de identificação pela sujeição.

Considerações Finais

O presente artigo abordou o neoliberalismo à luz dos processos psíquicos mobilizados na conformação de uma racionalidade aderente à lógica de mercado e ao desmantelamento do Estado de bem-estar social, tal como autores do campo da filosofia política (Dardot & Laval, 2016; Brown, 2019) já haviam identificado. E avança em duas direções importantes, a partir do recurso ao conceito freudiano de identificação.

O primeiro avanço consiste na localização de uma metafísica da liberdade no fundamento da racionalidade neoliberal: na conformação desta racionalidade, reconhecemos uma crença de que a razão neoliberal é livre e responsável por seu mérito na conquista de direitos, e por sua incapacidade naquilo que perde, em uma alienação profunda à crença narcísica no poder, na força, do indivíduo contra as adversidades da vida.

Essa crença, para nós, veicula uma tessitura de poder muito mais enraizada e violenta, porque incide sobre a regulação dos afetos. Aqui, reside o segundo avanço do nosso artigo: a melancolização é o afeto que da racionalidade neoliberal que acredita que é livre da intervenção do Estado. Nos dias de hoje, essa metafísica precisa ser lida de forma precisa: a crença nesta liberdade é a crença de que o ser humano pode, efetivamente, prescindir dos significantes que o constituem. A consequência não poderia ser outra: a melancolização – esse afeto, esse *pathos* que se alimenta, cruelmente, da ruína, da destruição.

Conforme a formulação freudiana do conceito de identificação ([1921]2020) e da releitura que esse conceito permite estabelecer sobre o afeto da melancolia, como o retorno da sombra do objeto sobre o eu, a metafísica da liberdade tem como correlato a melancolização – o afeto que indica que a crença na liberdade do empreendedor de si é, na verdade, a sujeição a uma tessitura de poder que não deixa abertura para outra alternativa além da hiper responsabilização subjetiva.

Referências

- Brown, Wendy. (2019). *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo, Editora Filosófica Politeia.
- Dardot, Pierre; Laval, Christian. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo, Boitempo.

- Dias Mathias, Brunna. (2023). *Da conformação da racionalidade neoliberal, e das formas de sofrimento que lhe são subjacentes, à possibilidade de seu ultrapassamento*. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração Pública). PROFIAP, UFF, Rio de Janeiro.
- Foucault, Michel. (2008). *Nascimento da biopolítica (1978-1979)*. São Paulo, Martins Fontes.
- Freud, Sigmund. (2020). “Luto e melancolia” (1917), in Freud, S. *Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na Cultura e Outros Escritos*. Belo Horizonte, Autêntica.
- Freud, Sigmund. (2020). “Psicologia das massas e análise do eu” (1921), in Freud, S. *Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte, Autêntica.
- Friedman, Milton (2019). *Capitalismo e liberdade, edição do 40º aniversário*. Rio de Janeiro, LTC.
- Friedman, Milton (2005). The Promise of Vouchers. *The Wall Street Journal*. [Consult. 05-07-2023]. Disponível em <https://www.wsj.com/articles/SB113374845791113764>
- Henschel de Lima, Claudia; Alves Junior, Antonio José. (2021). “Nas Ruínas do Brasil”, in Fernandes, M.P., Alves Junior, A.J., Freitas, A.J & Wegner, R. C. *A Doença do Neoliberalismo. O falso dilema entre saúde e economia na pandemia do novo coronavírus*. Rio de Janeiro, Livraria da Física.
- Klein, Naomi (2008). *A doutrina de choque: a ascensão do capitalismo de desastre*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Machado Moura, Flávia Laís M.; Henschel de Lima, Cláudia; Cruz, Lilian Faustino; Oliveira Costa, David Miqueias. (2022). “Impactos da gestão neoliberal na pandemia de COVID-19: o testemunho melancólico do sujeito neoliberal”, in Bonfim, Flavia G. (org.). *Leituras psicanalíticas sobre os desafios da atualidade*. Curitiba, Ed. Bagai, pp. 96-111.
- Machado Moura, Flavia Laís. (2023). *O neoliberalismo e o sujeito de si mesmo: um estudo sobre a racionalidade neoliberal e o pathos da melancolização*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). PPGP, UFRJ, Rio de Janeiro.
- Mendonça, Ana. Bolsonaro: muito maior que a própria vida é a nossa liberdade. *Estado de Minas*, Minas Gerais, 07/05/2020, Política. [Consult. 05-07-2023]. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/05/07/interna_politica,1145274/bolsonaro-muito-maior-que-a-propria-vida-e-a-nossa-liberdade.shtml
- Ministro do Meio Ambiente defende passar “a boiada” e “mudar” regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19. *Portal G1*, 22/05/2020. Política. [Consult. 05-07-2023]. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>
- Palácio do Planalto, discursos presidenciais. *Entrega da BR 487*. [Consult. 05-07-2023]. Disponível em <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2022/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-no-ato-alusivo-a-entrega-de-trecho-da-estrada-boiadeira-br-487>
- Palácio do Planalto, discursos presidenciais. *Encontro com a comunidade brasileira em Orlando/EUA*. [Consult. 05-07-2023]. Disponível em <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2022/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-no-encontro-com-a-comunidade-brasileira-em-orlando-eua>
- Palácio do Planalto, discursos presidenciais. *Cerimônia de unção apostólica*. [Consult. 05-07-2023]. Disponível em <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2022/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-de-uncao-apostolica>
- Palácio do Planalto, discursos presidenciais. *Cerimônia de recebimento da faixa presidencial*. [Consult. 05-07-2023].
- Palácio do Planalto, discursos presidenciais. *Cerimônia de declaração de guardas-marinha 2020 e entrega de espadas*. [Consult. 05-07-2023].

- Palácio do Planalto, discursos presidenciais. *Abertura da semana das comunicações*. [Consult. 05-07-2023]. Disponível em <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2021/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-abertura-da-semana-das-comunicacoes-palacio-do-planalto>
- Scurati, Antonio. (2019). *M. O filho do Século*. Rio de Janeiro, Intrínseca.
- Thatcher, Margareth. (1981). "The First Two Years". Interview for *Sunday Times*. *Sunday Times*. [Consult. 05-07-2023]. Disponível em <https://www.margareththatcher.org/document/104475>
- Veloso, Caetano. (1991). *Fora da Ordem*. Canção de Caetano Veloso. [Consult. 05-07-2023]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eqMcE2IEFWg>

Claudia Henschel de Lima

 <http://orcid.org/0000-0002-7693-7321>
 <http://lattes.cnpq.br/3127001494331912>

Professora Associada III. Universidade Federal Fluminense - Campus de Volta Redonda. Professora Permanente do PROFIAP/UFF. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: claudialima@id.uff.br

Antonio José Alves Junior

 <https://orcid.org/0000-0002-4298-7590>
 <http://lattes.cnpq.br/0805445354046859>

Professor Titular do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologia, Inovação e Agricultura (PPGCTIA/UFRRJ). Coordenador do Grupo de Pesquisa Economia e Conjuntura do Sistema Financeiro (ECSIFIN). E-mail: antonioj@ufrjr.br

Flávia Laís Machado Moura

 <http://orcid.org/0009-0006-5412-8052>
 <http://lattes.cnpq.br/2925624309388207>

Mestre em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Doutoranda em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: flaviamourapsi@hotmail.com

Brunna Dias Mathias

 <https://orcid.org/0009-0000-8882-4271>
 <http://lattes.cnpq.br/7393483876753052>

Mestre em Administração Pública. Mestrado Profissional em Administração Pública - PROFIAP. Universidade Federal Fluminense, Brasil. E-mail: brdias@id.uff.br